

*Biblioteca Humana
Rua do General Carneiro
Rio de Janeiro*

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO

DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I

Desterro -- Domingo 18 de Maio de 1879

N. 25

Pedimos aos nossos assignantes que se acham em atraso com suas assignaturas, a bondade de mandarem satisfazer-as nesta typographia.

O ARTISTA

Desterro, 18 de Maio de 1879.

As artes

VII

Já meditámos no poder das artes; já vimos que todas ellas igualmente concorrem para a gloria de Deus e utilidade do proximo; já vimos que os artistas e os obreiros se acham por toda a parte: na paz, na guerra, nos theatros, nos templos sumptuosos, assim como na mais singela ermida, nos magnificos palacios, assim como na mais humilde cabana.

E qual a recompensa? O desprezo.

Concorrem para o engrandecimento da religião, para o progresso da patria, para o decoro do rei e dos grandes, para

a instrucção e o deleite do povo; mas (oh vergonha!) em paga são apontados como entes despreziveis!

Todos reconhecem que o theatro é uma verdadeira escola popular; todos comprehendem que o theatro é necessario; todos comprehendem que o theatro alcança o voto universal, por isso que mistura o util com o agradável, deleitando e ao mesmo tempo instruindo.

«Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci.

Lexorem delectando pariterque monendo.»

(Horacio, Arte poet.)

Entretanto desprezam-se os actores!!!

Será isto em nome da virtude?

Não; porque esses que mais desprezam os actores, são, justamente, os que mais applausos lhes derramam quando elles ultrapassam as raias da moral da verdade!

Ama-se a arte, como já disse nos transvios da arte.

Gostam do barulho? Amam o barulho na muzica, na poesia, na oratoria, no drama.

Gostam da lascivia? Amam a lascivia nas artes.

Gostam de affeitos? Amam a profusão

de ornatos nos discursos, na poesia, na pintura, na architectura, etc.

Gostam do erro? Amam o erro no drama, no romance, no poema.

Mas não condemneis os artistas, por que elles precisam de pão; precisando de pão, precisam de applausos; precisando de applausos, sentem necessidade de corromper-se!...

Vasques é um grande artista, mas Vasques estudou a sua platêa, cujas palmas mendigava, e comprehendendo-a fez-se palhaço, chocarreiro e truão!..

Muitos outros fizeram a mesma cousa.

Não condemneil-os; condemnai, antes aquelles que devem protegê-los, mas não cumpre os seus deveres.

Não se lhes dá um theatro normal, nem se derrama a instrucção pelas massas!

As artes só preenchem a alta missão que se propõem quando imitam a natureza; mas na natureza não existe o vicio.

As artes só se elevam quando se tornam trombetas da verdade, da moral, dos grandes affectos dos nobres pensamentos, porque ellas exprimem o sentimento do bello; mas torpe é o vicio, torpe o erro, torpe a immoralidade!

Bella é a verdade; bella a virtude bella a moral sã.

FOLHETIM 6

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA
POR
ALEXANDRE DUMAS

TRAD. DE M. PINHEIRO CHAGAS

O passaro continuava a estar no mesmo sitio. D'esta vez não tornei a admirar. Ouvi dar duas horas, tres horas, quatro horas.

Rompeu a aurora O *chastre* acordou. Eu estava sobre brazas. Emfim ouvi tocar á missa das almas. Eu nem respirava.

O estalajadeiro cumpriu a sua palavra. D'ahi a um instante apparecia-me com a

espingarda. Estendi o braço sem perder de vista o passaro, e fazendo signal ao estalajadeiro para se apressar; no momento em que elle me dava a espingarda o *chastre* soltou um grito agudo e voou.

Agarrei-me á parede, trepei-lhe para cima: parece-me que era capaz de trepar ao campanario das Assoules.

O *chastre* poisou n'um campo de alpinste. O animal ainda não almoçara, e a natureza instava com elle.

Saltei para o outro lado do muro, atirando ao estalajadeiro um escudo para pagar a ceia, doitei a correr para o campo de alpinste. Estava tão preocupado com o meu *chastre* que nem vi o guarda campestre que me seguia, de forma que, quando eu estava no meio do campo, em que ia fazer levantar o *chastre*, senti-me agarrado. Voltei-me: era o guarda campestre.

— Em nome da lei! disse-me elle, vai-

me acompanhar immediatamente a casa do sr. *maire*.

N'este momento o *chastre* safou-se.

Ainda que eu tivesse á roda de mim um regimento de granadeiros, atravessava-o a passo de carga para seguir o meu *chastre*. Atirei com o guarda e impetree ao meio do chão, e corri para fóra d'este inhospito territorio.

Felizmente o passaro levantara um grande vôo, de forma que me encontrava longe de meu antagonista. Quando cheguei ao sitio onde elle poisara, estava tão cansado de ter corrido, que não pude nunca apanhal-o com a boca da espingarda. Mas disse-lhe: O que se não faz no dia de Santa-Luzia faz-se no outro dia. E corri atraz d'elle.

Andei o dia todo. D'esto vez não levava coisa alguma na minha bolsa de caça. comi fructa brava, bebi agua da-

Diz Leoni que tiremos a verdade da arte, e ahí não haverá mais o bello.

Si os tarellos não querem dar attenção ao portugez Leoni, queiram escutar ao francez Boileau:—

« Rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable: Il doit régner partout, et même dans la fable.

De toute fiction l'adroite fausseté Ne tend qu' à faire aux yeux briller la vérité. »

(Boileau, epître g)

A proposito disto, agora me occorre a necedade de um chocarreiro que o arrastou a lançar perdigotos ao rosto de um poeta só porque este diz *novidades velhas*.

Sem o sentir, fez-lhe o parvo o maior elogio, porque em todo escripto em que luz a verdade, ahí necessariamente existe o bello.

Quem diz *novidades velhas* diz a verdade, porque a verdade é o que foi, e é ha deser.

Tornando ao ponto, direi, para concluir:—Si querem os governos o progresso da patria, protejam os artistas e não transviem o nobre fim das artes; por isso que o progresso de um povo está na razão directa do progresso das artes: pois já vimos que muito devem ás artes a egreja e o estado.

Tanto mais civilizado será o paiz, quanto mais sublimadas forem as artes.

Onde predominarem, por exemplo, a muzica ligeira e lasciva, a poesia campanuda e balofa, a pintura immoral e affectada, os discursos bombasticos e vãos, os monstruosos dramas tragi-comicos, não haverá o progresso das artes, porquanto o vicio e o erro jamais constituirão o verdadeiro ideal das artes: e, con-

sequentemente não haverá progresso n'esse paiz.

Praia Comprida, 4-4-79.

W. BUENO.

LITTERATURA

A caverna maldita

Novella

POR ...

VI

Quando a sineta da caverna annunciava com um som funebre onze horas, a sentinella, que permanecia immovel ao lado da porta do meu carcere, deu alguns passos indo ao encontro de um vulto que se approximava.

O vulto que se approximava, reconheci-o pelo tal que me tinha convidado para fugir.

Travava-se então uma animada conversação entre ambos.

Debray (nome do meu companheiro de fuga) puxou occultamente do punhal que trazia, e aproveitando uma occasião em que a sentinella estava descuidada, lançou-se sobre ella, apertando com a mão esquerda a guella, enquanto com a direita cravava-lhe o agudo punhal no peito.

Esta scena não me causou horror, pelo contrario, deu-me prazer.

Debray depois de verificar-se a sentinella realmente estava morta, abriu a porta da prisão e disse-me:—Agora é preciso que mudes de fato para não seres conhecido.

—Como? se eu não tenho mais roupa senão esta? observei eu.

Momentos depois, puzemo-nos a caminho pelo corredor por onde no dia antecedente tinha passado preso.

—Veste a deste cadaver, que é o uniforme da caverna e dá-me a tua para vestir nelle.

E dizendo isto se poz a tirar a roupa ensanguentada da sentinella, enquanto eu despia apressadamente a minha.

Depois atravessámos uma sala onde passeava uma sentinella que, assim que nos vio correu ao nosso encontro bradando com voz carregada:—Quem vem lá:

Amigos, respondeu Debray.

Nessa occasião senti curvar-se-me os joelhos; mas um rapido signal do meu companheiro fez-me cobrar animo.

Esta sala era a sala das armas; foi ahí que eu e os meus desditosos companheiros fomos encadeados e conduzidos para a prisão.

Já tinhamos caminhado muito, quando um ar fresco nos veio bafejar o rosto; estavam perto d'uma porta occulta, só conhecida pelos habitantes da caverna.

Debray parou e approximando-se de mim, disse:

—Fica aqui, enquanto eu vou matar esta outra sentinella que além passeia guardando a porta para onde nos dirigimos.

Coseu-se com a parede, approximando-se vagaroso e subtilmente da nova victima.

A sentinella não passeiava, como suppoz Debray, estava recostada á pedra que fechava a porta e dormia profundamente.

O meu companheiro deixou então a parede e avançou para o desgraçado que

torrentes. Escorria-me o suor da testa; devia estar horrendo.

Cheguei á borda de um rio sem agua.

—Era o Var, disse Méry.

—Justamente, era o Var. Atravessei-o, sem imaginar que estava pisando um solo estrangeiro, mas isso é que me não importava, porque via o meu *chastre* saltitar a uns duzentos passos diante de mim, n'um terreno onde não haviam nem uma pequena moita em que se pudesse esconder.

Approximei-me com pés delá, fazendo-lhe pontaria de dez em dez passos, estava a tres tiros de espingarda, quando de repente um milhafre, o patife de um milhafre, que descrevia vãos circulares por cima da avesinha se deixa cair, como uma pedra, agarra-me no *chastre* e desaparece com elle.

Fiquei aniquilado; foi então que senti todas as minhas dôres. Tinha o corpo coberto de chagas em resultado

dos arranhões que apanhára nas silvas.

Tinha as entranhas transtornadas por causa do alimento com que procurára illudil-as, caí á beira da estrada.

Passou um camponez.

—Meu amigo, disse-lhe eu, ha por aqui uma cidade, uma aldeia, uma cabana?

—Gnor, si respondeu-me elle *C'è la città di Nizza, una miglia avanti*.

Estava na Italia, meus senhores, e não sabia uma palayra de italiano! tudo isto por causa de um maldito *chastre*.

Não podia hesitar, levantei-me como pude, encostei-me á espingarda como se fosse um bordão, gastei hora e meia em andar essa milha, só a esperança me amparára, afinal tambem essa me abandonava e eu sentia toda a minha fraqueza

Emfim entrei na cidade: perguntei á primeira pessoa que encontrei onde haveria uma boa estalagem, porque bem

percebe que tinha necessidade de cobrar forças. Felizmente a pessoa, a quem eu me dirigia, fallava o francez mais puro; indicou-me o hotel de York— Era o melhor hotel.

Pedi quarto para um, e ceia para quatro.

—O senhor espera tres amigos? perguntou-me o moço.

—Faça o que eu lhe digo, e dê ao diabo o que sabe.

O criado saio. Metti a mão na algibeira, para ver de que somma podia dispôr para a minha ceia; porque me parecia que nunca estaria farto. Tirei-a para fóra com um suor frio, e suppoz que ia desmaiar. A algibeira estava rota.

Continua.

tão mal cumpria as ordens de seu soberano, decepando-lhe a cabeça de um só golpe.

O corpo do infeliz rolou pelo chão banhado em ondas de sangue.

Debray arredou a pedra e fez-me signal para que o seguisse.

Quando me vi fóra d'esta caverna, que me tinha servido de theatro para presenciar um drama tão horroroso, cahi de joelhos, agradecendo á Deos o ter-me tirado de tão medonha habitação, e pedindo-lhe tambem que me desse forças para vingar atrozmente a morte dos meus companheiros.

Acabada a minha oração que foi breve mas fervorosa, puzemos-nos a caminho pelo embrenhado bosque que circundava a caverna, em demanda da aldeia.

Continúa.

POESIAS

O fumo do incenso e o da forja.

Subindo ao céo do sanctuario augusto, sagrada nuvem de queimado incenso, no ar encontra negro fumo denso da accêsa forja onde trabalha o artista. A branca nuvem, caminhando altiva, repelle a outra na velozsubida; mas uma voz, que nunca fóra ouvida, do céo baixada, repentina echôa:
—« Juntai-vos ambas! como irmãs, unidas podeis entrar na celestial morada, que Deus a par da oração sagrada, bem diz—do artista—o pertinaz trabalho!

Desterro, Outubro de 1862.

(Ext.)

Ao meu rival

Desfructa gozos que gozei outr'ora
E deixa-me triste que morri pr'o mundo
Desfructa gozos, finge amor, namora,
Eu fui lançado em labyrintho immundo.

A flor roubada no voar da valsas
Cresce em teu peito com mais força e alento
Toma cuidado não te seja falsa
Não a desfolhe o vendaval, o vento !

Descri do mundo, do amor, de tudo !
Desde que soube que roubastes a rosa
Que eu estimava fiquei quedo e mudo
Esperando sorte afflicta e luctuosa.

Desterro, Março de 1879.

J. F. P.

A BACCHANTE

POEMETO

POR

HORACIO NUNES

VI

Todos á meza voltam. Mil brindes se-levantam á languida hespanhola, que pensa triste intão; aqui,—baixo murmuram, além mais—bebem,cantam, e a deusa da luxuria domina a multidão !...

VII

Levanta-se a rainha da festa. A turba, muda, pendente de seus labios, é prêsa da emoção.
—« Senhores ! por meus labios trementes vos-saúda, febril de tanto gôso, meu debil coração.

« Rainha d'estas festas n'um grito me-acclamastes, a fronte me-cingistes de flôres, e eu...surri... por mim todas as outras mulheres despresastes... por mim...pobre cadaver que ao tumulto fugi...

« Sou bella, bem o-vêdes; mais bella fui outr'ora, meus olhos mais formosos já foram do que sam; meus labios foram rubros, mais rubros do que a aurora, meus olhos—foram lavas...cratêra...o coração !

« Um dia...Eu era virgem, sonhava um amôr puro, um mundo de venturas, um céu de almo prazer: da vida no horisonte—surria-me o futuro, nos seios do futuro—de gôzos um viver...

« Amei !...Oh ! quantas noites bem longas eu passava pensando, toda espraças, no meu primeiro amor: d'esse sagrado affecto—tornei-me humilde escrava, e o homem de meus sonhos, meu unico senhor.

« Ouvi:—deitei-me um dia querida, pura e virgem, do amôr dos vinte annos nas puras illusões... e despertei...sem honra!...Da febre na vertigem... achei-me só...perdida...coberta de baldões...

« Dous annos se-passaram bem longos p'ra minh' alma... chorei dous longos annos a honra que perdi; senti-me infôrma e triste, sem pão, febril, incalma... até que um dia, em prancto, de fôrme e dôr... morri...—

—« Morreu ! —> bradaram todos —> Morri. Si hoje aqui venho, e bella do meu tumulto, febril me-levantei, —uma missão de morte na terra a cumprir tenho,— é porque venho agora cumprir, o que jurei...»—

—« Morreu ! —>bradam mil vozes—> Morreu !—>repete o êcho que apoz nas vastas salas tremente ribombou.

—« Morri ! Sou hoje esgalho triste, vergado e sêcco da arvore frondente do tempo que passou...

« Ergui-me do sepulchro, formosa, mas não tanto como nos calmos dias que virgemeu vivi... n'um hymno de vingança sequei do rosto o prancto á edêa da vingança... sem lagrymas surri...

«Quereis que o miseravel aponte-vos ao dêdo ?... quereis que vos-revelle o infame seductôr ?...

—Olhai como estremece... de dôr ?... não, mas de mêdo... em face do cadaver... na face... que pallôr !...»—

Continúa

NOTICIARIO

Importante noticia--Do nosso veterano contemporaneo o *Despertador* de 13 do corrente transcrevemos esta:

«Queira comunicar ás redacções de todas as folhas dessa capital que o conselheiro Silveira de Souza fundamentou, na sessão de hoje, um projecto de leis assignado por trinta outros senhores deputados, relativo á construcção immediata da estrada de ferro de D. Pedro I, com ligação á um porto em Torres. A' dedicação de tão distincto catharinense deve a provincia esse efficaz passo para seu progresso. Felicitações e viva gratidão»

E' sempre com prazer que *O Artista* publica em suas columnas semelhantes noticias, cuja importancia está ao alcance de todos.

Não é só ao commercio e lavoura que a Estrada de Ferro de D. Pedro I, de que é empresario o Sr. Dr. Sebastião Antonio Rodrigues Braga virá beneficiar.

As classes menos favorecidas, os artistas e operarios tambem acharão com ella um meio seguro de angariarem a subsistencia para si e suas familias.

Honra pois, á nobre deputação que assignou o projecto de que falla o telegramma acima transcripto; e aos nobres representantes desta Provincia, especialmente ao Exm. Sr. Conselheiro Silveira de Souza, um voto de louvor e gratidão pelo interesse que toma nesta questão, aqual em nossa humilde opinião, é de vida ou morte para o desenvolvimento da Provincia.

Instrucção publica.--Soubemos por um amigo nosso que o intelligente professor publico da vizinha cidade de S. José em breve dará a lume um velho trabalho, parto de sua esclarecida intelligencia.

Pelo que ouvimos, (embora não sejamos mestre na materia) reputamos um excellente auxiliar aos alumnos o livro do referido professor.

O methodo que segue é o simultaneo e mixto; e uma vez adoptado, parece-nos que grandes resultados obterão os alumnos a seu cargo.

Sem que de perto o conheçamos, pôrem julgando-o pelos seus triumphos na imprensa desde 1867 até 1869, acreditamos que o povo catharinense não deixará de concorrer, como deve, para a publicação de um trabalho, que pôde trazer vantajosos resultados.

Amigos da instrucção, porque somos d'ella anhelantes, previamente rendemos nosso preito ao professor distincto, que nas suas horas vagas lembra-se de dedicar-se ao estudo, facilitando a instrucção popular.

Em nome da classe artistica saudamos

o Sr. Manoel Justiniano de Oliveira e Cruz.

No dia 15 do corrente mez, prestou juramento e entrou no exercicio do cargo de Chefe de Policia da Provincia, para que fôca nomeado por Decreto de 22 de Março ultimo, o Exm. Sr. Dr. Juiz de Direito José Joaquim Fernandes Torres.

Por essa occasião, tendo o Exm. Sr. Dr. Juiz de Direito Segundino de Gomenzoro deixado a chefia de Policia, que interinamente exercia, dirigio aos Empregados da respectiva Secretaria um officio em termos muito honrosos, ao qual deliberarão aquelles Srs. responder sem demora, dirigindo-se na tarde desse mesmo dia á casa de S. Ex. a apresentar-lhe a sua resposta escripta, em cujo acto o Sr. Dr. Gomenzoro (hem como sua Exma. Esposa) muito penhorou aos referidos Empregados, com a franqueza, cavalheirismo e affabilidade que lhes pragalisou.

Retirarão-se elles cheios de gratidão, fazendo sinceros votos ao Céo pela saude e prosperidade do Magistrado distincto, que acabava de deixar a Chefia de Policia bem como de sua Exm^a. Familia.

Jornaes

Agradecemos ás respectivas redacções a remessa dos seguintes Jornaes:

Despertador, Regeneração, Conservador, Echo do Paraná, Municipio, Mosaico, Gazeta de Joinville, Theophilo Otttoni, Nova Aurora, Echo Social, Sapucaense, Caixeiro, Artista, Esperança, Saudade, Baixo Amazonas, Imparcial, Gazeta de Taubaté, Correio do Natal, O Futuro, Paulo Affonso e a Revista Gabrielense.

Medicina--Acaba de ser condemnado pelo tribunal Warwich, na Inglaterra a quatro mezes de prisão, com trabalhos forçados um medico por não ter acudido opportunamente a casa de um enfermo, cuja familia reclamara os serviços da sua sciencia. Dezoito vezes foi chamado, e quando por fim acudiu era já tarde. O enfermo, que era um menino de tenra idade, havia fallecido.

Se entre nós fosse assim....

Phenomeno--Lê-se no *Correio do Natal*:

« Na America Central se descobrio um enorme penhasco que, uma vez reconhecido, resultou ser um aereolito do tamanho de trinta varas de diametro á quarenta e duas de altura.

Havendo-se notado ao perfural-o que era ôco, fez-se-lhe um exame no interior e com surpresa viram os examinadores

uma tumba, que encerrava a mumia de um ser humano de estranha fórma, uma amphora de prata, e uma prancha do mesmo metal com algumas gravuras, concordando todos em que este enorme *aereolito* pode muito bem haver-se desprendido do planeta Marte. »

Nos Estado-Unidos a industria de papel occupa 25000 pessoas, cujos salarios excedem algum tanto de 22,000 contos de reis. A producção annual nas 800 fabricas existentes ancia por 85,000,000\$.

Apezar de que esta industria do papel não está muito desenvolvida, e que pouco papel exporta, já o seu producto annual excede, em valor, no do café que exporta o Brasil.

—Ha em Philadelphia um homem que vive da publicidade.

Chama-se Watley. A sua casaca, calça, chapéo, botas e camisa desapareceu sob uma compacta cataplasma de annuncios.

O seu lenço é um mosaico: uma quarta pagina de jornal.

E sua carroagem é um montão de annuncios.

Watley aluga-se para « fazer sensação. »

Ha alguns annos casou-se em um balão a 3,000 pés de altura do solo.»

ANNUNCIOS

Aluga-se

A casa e chacara á Rua de Sant'Anna á Praia de Fóra n. 1, para tratar na Rua da Pedreira n. 13.

Advogacia

Dr. João Muniz Cordeiro Tatagiba.
com Escriptorio de advogacia
e de negocios Administrativos.

Rua do Principe N. 2

(CAJUEIROS)

RIO DE JANEIRO

Typ. e Lithographia de A. Margarida
RUA DE JOÃO PINTO N.º 28